

FROMM, Guilherme . Literatura estrangeira no curso de letras: problemáticas. In: Guilherme Fromm; Maria Célia Lima-Hernandes. (Org.). **Domínios de Linguagem V: diálogo entre a universidade, a escola e a sociedade**. São Paulo: Plêiade, 2005. p. 155/160.

Literatura estrangeira no curso de Letras: problemáticas

Guilherme Fromm

Os cursos de Letras, nas faculdades públicas ou particulares, apresentam muitas diferenças entre si. As matrizes curriculares dificilmente podem ser comparadas, dadas as ênfases sociais, regionais, etc. Uma das características que padronizam esses cursos, no entanto, é a presença da língua e literatura estrangeiras. Mesmo quando não obrigatório, os alunos acabam por fazer uma segunda língua tendo em vista a ampliação de conhecimentos e a questão mercadológica (quanto mais disciplinas eles são licenciados, mais facilmente acharão aulas).

O ensino de uma língua estrangeira, todos sabem, depende muito do nível de conhecimento prévio dos alunos em sala de aula. No caso de línguas modernas em menor projeção no momento, como o francês, o italiano e o alemão, poucos já tiveram contato, o que homogeneiza as dificuldades no curso. O inglês, por outro lado, já esteve ou está presente na vida da maioria dos alunos; isso acarreta diferentes níveis de conhecimento em um mesmo ambiente e dificulta a vida do professor, que tem que lidar com classes superlotadas.

O ensino de literatura, porém, não obedece a essa divisão anterior. Mesmo entre aqueles que têm um razoável conhecimento de inglês, pouco conhecem sobre as literaturas escritas nessa língua. Tomaremos, então, o caso das literaturas de língua inglesa para nossa presente discussão. Esse texto é apenas uma reflexão acerca da nossa experiência com literatura estrangeira em sala de aula no ensino superior.

A questão do tempo

Ler, seja qual for a disciplina, é uma questão complicada. Os alunos, na sua grande maioria, trabalham o dia todo (e muitos, no fim de semana, seja no comércio, seja em programas educativos que subsidiam o pagamento da sua faculdade). A pouca disponibilidade de tempo para leitura tem que ser dividida entre várias disciplinas. Como exigir que o aluno leia textos em prosa na íntegra quando mal conseguem ler um artigo de jornal?

Uma das opções para diminuir o tempo de leitura e aumentar a eficiência de uma análise literária, por exemplo, seria o trabalho com poesia em sala de aula. Podemos, ao invés de só trabalhar com Shakespeare dramaturgo, trabalhar também com o Shakespeare poeta. Alguns sonetos podem ser copiados para a lousa e analisados, em um processo analógico, com a distribuição de rimas, estrofes, o vocabulário envolvido e outros temas que os alunos tiveram em teoria literária ou têm em literaturas de língua portuguesa.

Obviamente a leitura de textos em prosa não deve ser descartada, mas deve ser comedida. Qual o retorno que conseguimos ao pedirmos que os alunos leiam um romance de 600 páginas por mês? E se esse mesmo romance estiver no original? Embora soe como heresia para muitos, trabalhar com versões resumidas na língua estrangeira faz com que o aluno entre em contato tanto com a língua estrangeira quanto a sua literatura de um modo menos traumático do ponto de vista da necessidade de tempo de leitura.

O conhecimento da língua

A heterogeneidade do conhecimento de língua inglesa, na sala de aula, pode ser um fator complicador no ensino da mesma. Literaturas de língua inglesa, porém, assim como o Latim e Lingüística, nunca foram trabalhadas pelos alunos. Podemos usar essa lacuna a nosso favor, já que o conhecimento da área em específico está em construção. Há todo um vocabulário técnico a ser apreendido naquela língua (assim como a disciplina Introdução aos Estudos Literários trabalha com textos em língua portuguesa).

Assim como num curso de língua inglesa instrumental, podemos selecionar alguns alunos que dominam melhor a língua para auxiliar os outros. Devemos tomar cuidado, porém, com os “amigos” que resolvem ajudar através da tradução. Insista na necessidade de dedicar tempo à leitura e explique que, por ser uma língua diferente, esse textos exige mais do leitor. Se técnicas de leitura já foram trabalhadas em aulas de língua, lembre os alunos da utilidade de aplicá-las à leitura.

Traduções resolvem?

Se o curso não pretende trabalhar com nada em língua inglesa, apenas traçar um panorama de sua literatura, a bibliografia traduzida é abundante, inclusive com algumas traduções disponíveis pela Internet.

Trabalhar com traduções, porém, não é a mesma coisa que trabalhar com os originais. O aluno estará, ao ler um texto traduzido, observando a visão do tradutor sobre o texto original, ou seja, há um filtro no processo.

Não há necessidade, quando trabalhamos com textos em língua estrangeira, de lermos apenas os cânones. Existe a possibilidade, em conjunto com a disciplina de língua inglesa, de trabalharmos com versões simplificadas de clássicos ou novos autores, todos dentro de uma proposta “Easy Readers” (leituras simplificadas). Essas leituras podem ser trabalhadas do começo ao fim do curso, obedecendo ao nível médio da turma. Acostumando-os a ler em inglês desde o começo (apesar das muitas dificuldades, as quais os alunos fazem questão de nos apontar diariamente), podemos ter a esperança que muitos, por conta própria, se entusiasmem a ler os originais na íntegra.

Disponibilidade da bibliografia

Encontrar originais ou versões simplificadas de obras literárias estrangeiras, na língua original, em bibliotecas públicas, não é das tarefas mais fáceis. Poucas bibliotecas dispõem desse tipo de acervo.

Atualmente, no entanto, podemos encontrar diversos sites com esse tipo de material na Internet. Cito como exemplo o excelente site de poesias “plagiarist” (<http://www.plagiarist.com>), onde os alunos e professores podem baixar centenas de obras a custo zero e o projeto Gutenberg (<http://www.promo.net/pg>), com milhares de livros disponíveis on-line, em várias línguas (português inclusive). O custo de impressão é caro, mas ter contato com obras originais é muito importante. Esses sites servem como fonte de consulta, também, para a atualização dos professores.

Campo profissional

Os alunos perguntam, assim que começam a fazer estágio, onde podem estagiar em literatura estrangeira. Descobrem, nesse momento, que quase nenhuma escola ministra essa disciplina, ou seja, não conseguem estágio e nem aulas no futuro. Já que não há como fazer estágio externo, o professor deve sugerir trabalhos valendo como estágio interno.

Uma das atividades que parecem render bem é o trabalho com temas. Escolhemos, certa vez, o tema da literatura infanto-juvenil de aventura. Os alunos deveriam selecionar todos os autores, não importando a época, que tiveram suas obras adaptadas para o cinema, televisão, teatro ou quadrinhos. Cada grupo ficava responsável

por um autor e traçava um paralelo entre a obra original e suas adaptações. Foram levantados semelhanças e diferenças, julgadas quais adaptações melhor se comparavam ao original e quais estavam mais atualizadas para os dias de hoje, mantendo o “espírito” da original. A proposta seguinte, que infelizmente não se concretizou devido às mudanças na matriz curricular, era o trabalho com livros de terror.

Esses trabalhos também podem servir como base para festas temáticas como o Halloween e outras, além de apresentações nas semanas de Letras. Servirão para lembrar as origens de determinadas festas ou crenças e explicarão porque algumas adaptações fazem tanto sucesso (além de explicar que muitos filmes são adaptações, algo que muitos desconhecem).

Considerações finais

É bom que fique claro desde o começo, para os alunos, que literaturas de língua estrangeira são um complemento cultural ao aprendizado da língua. Poucos poderão se dedicar ao seu ensino, mas todos podem se deliciar com o prazer da leitura. E esse prazer, parece-nos, perdeu-se um pouco nos cursos de Letras, nos quais temos ouvido alunos se queixando que “tem que ler” (sic). Ele precisa ser resgatado e incentivado.

O futuro professor de língua estrangeira deve ter um background sobre a literatura dos falantes daquele idioma para futuras referências aos seus alunos, para poder trabalhar com leituras simplificadas em sala de aula, para ter o prazer de entender piadas, citações e músicas.